

RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA

PENSANDO A CIDADE NA ESCOLA: DOS PROBLEMAS URBANOS À REPRESENTAÇÃO DA CIDADE “IDEAL”

Leandro Lemos de Jesus*
Adriane Martinhuk Kutzmy**

INTRODUÇÃO

Cada vez mais a população mundial tem passado a residir nas cidades, isso devido a fatores como a mecanização do campo e o êxodo rural, mas também, devido à busca das pessoas por desfrutar dos benefícios que as cidades oferecem como o lazer, a infraestrutura e os serviços como a educação, a saúde, dentre outros. Assim, a malha urbana vem crescendo inevitavelmente de forma que o espaço urbano acaba por se expandir desordenadamente, levando a sérios problemas de ordem ambiental e social. Em algumas situações os limites da cidade ganham novas ocupações antes que as infraestruturas necessárias ao atendimento da população estejam disponíveis, assim como são ocupadas também áreas de risco ou de fragilidade ambiental. No entanto, além do crescimento da malha urbana, as desigualdades sociais e as políticas voltadas em algumas situações aos interesses da produção de infraestrutura para atender as demandas da produção econômica agravam as injustiças quanto ao direito a usufruir da cidade e, de uma qualidade de vida digna. Assim, torna-se necessário a reflexão sobre a qual modelo de cidade os projetos e políticas públicas estão orientados, se é em prol do mercado e do crescimento econômico ou se é em prol da melhoria das condições de vida da população como um todo.

As injustiças sociais se manifestam claramente na paisagem das cidades, desde as médias aos grandes centros. Enquanto alguns bairros têm abundância em infraestrutura e serviços como coleta de lixo, transporte público e saneamento básico, outros bairros carecem destes direitos básicos. É neste sentido que Santos (1987) argumenta sobre a necessidade de

* Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa-PR. E-mail: leandrolemos_19@hotmail.com.

** Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Mestranda do programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO, Campus CEDETEG, Guarapuava-PR. E-mail: adrianemartinuk@yahoo.com.br.

um modelo cívico autônomo não subordinado ao modelo econômico. Para o autor, neste modelo cívico uma visão comum sobre o mundo e sobre o modelo de sociedade ideal se articulam ao território, a sua instrumentação infraestrutural, a oferta de serviços e também uma adequada gestão territorial.

Nesse contexto, torna-se imprescindível estimular as pessoas a “olhar” para cidade para poder assim pensar em estratégias para a melhoria desse espaço, além de adotarem a posição de quem tem o direito de participar politicamente das decisões sobre o modo como a cidade é construída e transformada. O presente texto busca apresentar o relato de uma atividade voltada para o trabalho com o espaço urbano para alunos do 6º ano do ensino fundamental. Esta atividade foi desenvolvida na disciplina de Estágio Supervisionado para Ensino Fundamental I e constituiu-se em um esforço por fazer com que os alunos se vissem como planejadores do espaço urbano, identificando os problemas e depois buscando um modelo de cidade ideal a partir de recortes em revistas.

AS ABORDAGENS SOBRE O ESPAÇO URBANO NA GEOGRAFIA

A Geografia contemporânea dá subsídios teóricos e metodológicos para abordar a cidade a partir de variadas dimensões, desde a produção material até a apropriação e produção simbólica da cidade, perpassando também a possibilidade de investigação sobre as relações de afetividade permeando as relações entre o homem e as paisagens urbanas.

fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o quotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores, mitos, criados no bojo da sociedade de classes e, em parte projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. (CORRÊA, 2002, p. 9).

Dentre as diferentes abordagens sobre o espaço urbano destacam-se as produções efetivadas pela Geografia Crítica brasileira. A vertente crítica da Geografia, apoiando-se principalmente no método materialista histórico dialético, considera a cidade como a expressão da organização social e como condição para reprodução desta sociedade, a qual no atual período histórico se organiza nos moldes do modo de produção capitalista. Se a cidade é expressão da organização social, é possível interpretar a sociedade fazendo uma “leitura” do espaço urbano. Este é o papel da Geografia, a qual a partir desta “leitura” evidencia a ordem que permeia a produção desse espaço.

O conceito de “produção de espaço” é caro à Geografia Crítica. Segundo Godoy (2004) a expressão “produção do espaço” foi provavelmente utilizada no fim dos anos sessenta pelo sociólogo Henri Lefebvre, visando responder aos processos de reprodução das relações capitalistas de produção. Segundo Carlos (2012) a obra de Lefebvre exerceu grande influência na Geografia. A perspectiva deste autor abriu caminho para que o espaço passasse, então, a ser visto como produto e não mais como um palco das ações humanas. Assim, os estudos de Geografia sobre o urbano passaram a dar um enfoque à complexidade da vida social. Neste sentido:

quando se retira o direito ao espaço, estão comprometidas não somente a subsistência material das pessoas, que necessitam morar, habitar, mas também as condições de união, reunião, as suas relações. Mesmo os que ainda moram, ou têm lugar para morar, as suas condições de moradia podem ser compatíveis com uma forma de viver reduzida, com a estreiteza real da vivência, com a privação da vida social, com a privatização da vida. (DAMIANI, 2006. p. 61)

Em Geografia, questões como as que foram abordadas durante a atividade de construção do painel sobre a cidade são trabalhadas na subdisciplina de Geografia Urbana. Durante as aulas e debates em sala de aula na universidade, ressaltou-se a necessidade de fazer com que os sujeitos percebam-se enquanto produtores do espaço urbano. Sendo necessário que “pensem” a cidade e sintam responsabilidade por esta construção, buscando alternativas e propondo soluções para que algumas das injustiças sociais quanto ao acesso aos bens que a cidade dispõe sejam superadas. Isso implica a participação ativa da população nas decisões políticas, opinando e fazendo-se ouvir nos debates sobre o planejamento urbano de suas cidades.

De forma implícita isso leva a se pensar em modelos, em ideais de cidades, em “utopias” como se expressa Vainer (2003). De acordo com o autor, duas utopias disputam espaço no cenário atual, a *utopia da cidade democrática* e a *utopia da cidade – empresa ou cidade negócio*.

A primeira surge a partir do fortalecimento e a organização de movimentos sociais, reivindica e está voltada para uma participação mais ativa da população no planejamento urbano. Já a utopia da cidade empresa está voltada para a produção e a competitividade, visando o crescimento econômico (VAINER, 2003). A utopia da cidade democrática perpassa a questão do direito à cidade como podemos perceber a partir de Harvey (2009. p. 9), o qual ressalta que o direito à cidade:

além de um direito ao acesso àquilo que já existe: é um direito de mudar a cidade mais de acordo com o nosso desejo mais íntimo. A liberdade para nos fazermos e refazermos, assim como nossas cidades, é um dos mais preciosos, ainda que dos mais negligenciados, dos nossos direitos humanos.

A partir destas considerações compreendemos que implícito a um modelo de cidade tem-se inter-relacionado um modelo de sociedade. Desta forma quando não há participação pública no processo de decisão dos rumos do planejamento urbano, a população não abre mão apenas de decidir sobre mudanças na estrutura material da cidade, pois, o que está também em jogo é a própria organização da sociedade, tendo em vista que determinados tipos de arranjos espaciais constrangem determinadas relações sociais e propiciam o desenvolvimento de outras, incidindo assim na dinâmica social.

A atividade que efetuamos com os alunos do 6º ano buscou articular os debates que estávamos desenvolvendo em sala de aula a uma prática pedagógica na escola. Compreendemos que este é um dos principais desafios da atuação em sala de aula: criar práticas pedagógicas em consonância com os conteúdos trabalhados e com as teorias que fundamentam o ensino de Geografia. É importante ressaltar também que tal atividade construiu-se no sentido de efetuar uma introdução ao estudo sobre a cidade, conduzindo os alunos tanto a uma avaliação e identificação de alguns dos problemas urbanos, quanto ao estímulo a elaborar um modelo de cidade e a perceber esse espaço como uma construção a partir dos anseios e interesses humanos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente entramos em contato com a direção do colégio público Antônio Xavier da Silveira, a fim de requisitar permissão para efetivação das atividades de estágio previstas. Esta instituição localiza-se na cidade de Irati-PR e oferece ensino fundamental e médio. Em seguida foi necessário um diálogo com a professora de Geografia a fim de definir um tema e a turma em que poderíamos efetivar as atividades.

Após definirmos trabalhar com a questão do espaço urbano com alunos do 6º ano, fora dado início ao planejamento das atividades. Após estas etapas iniciais adentramos em sala de aula. Em um primeiro momento trabalhamos com a abordagem teórica sobre o espaço urbano, tentando identificar a partir de um diálogo com os alunos as principais características das cidades em relação ao campo, construindo em conjunto um quadro comparativo. A contraposição em relação ao campo foi utilizada apenas como um motivador para que as

características da cidade fossem acentuadas, pois, apesar do espaço rural e o espaço urbano possuem particularidades visíveis nas suas próprias paisagens e nos modos de vida de seus habitantes esses dois espaços são produzidos em articulação ao modo de produção capitalista, formando assim uma totalidade.

As principais questões que emergiram do diálogo foram relacionadas com concentração da população, do tipo de infraestrutura, como ruas asfaltadas e conjunto de habitações e edifícios, das indústrias, do comércio, dos serviços como atendimento de saúde, escolas e também o fluxo de circulação de pessoas e veículos. Em seguida passamos à abordagem de alguns dos principais problemas urbanos que podemos encontrar nas cidades contemporâneas, como carência de serviços e de infraestrutura, poluição e ocupação de áreas de risco.

Após esta etapa introdutória que teve duração de duas aulas, dividimos a turma em 4 grupos de trabalho e em seguida, trabalhamos com os recortes dos principais problemas urbanos que os alunos conseguissem identificar e representar a partir das imagens de revistas e jornais. Estes recortes foram colados em cartazes tendo como título: “O mundo que temos”.

Na etapa seguinte foi dado início ao trabalho com os recortes de imagens que expressassem um tipo de cidade “ideal” a partir de elementos que os alunos considerassem indispensáveis para o favorecimento de uma qualidade de vida à população. Estas imagens também foram coladas em um cartaz, tendo como título “O mundo que queremos”. Cada grupo elaborou um cartaz sobre o “mundo que temos” e um sobre o “mundo que queremos”.

O objetivo principal foi o de construir com os alunos um painel onde ficasse visível o contraste entre duas realidades, uma representando os problemas (O mundo que temos) e a outra retratando o modelo “ideal” (O mundo que queremos). Os alunos deveriam fazer os recortes e logo abaixo de cada imagem fazer uma legenda, identificando a que situação cada imagem se referia, demonstrando assim a intencionalidade na escolha de cada imagem. Após a construção e fixação do painel no pátio da escola, retornamos à sala de aula e realizamos uma síntese sobre as atividades desenvolvidas, dando ênfase à necessidade de considerar a cidade como um espaço construído a partir dos interesses dos diversos atores sociais (CORRÊA, 2002), estando em constante transformação.

Durante a efetivação do projeto foi possível perceber a importância do planejamento para a realização de qualquer atividade em sala de aula, a organização dos materiais, os procedimentos e os objetivos a serem atingidos. Durante a confecção do painel, dividimos a turma em grupos de trabalho, percebemos a necessidade de orientar os alunos durante toda a atividade, pois sempre surgem dúvidas e dificuldades em expressar as próprias ideias.

Neste contexto, nos deparamos com a necessidade da orientação individual em cada grupo. Como estávamos em quatro estagiários não tivemos grandes dificuldades e conseguimos trabalhar dentro de um tempo razoável. No entanto, a experiência nos possibilitou identificar as dificuldades que o professor encontra ao realizar atividades como esta, no dia a dia de trabalho, principalmente com relação ao tempo. Segundo a professora da turma que acompanhou a atividade, o trabalho que desenvolvemos em 4 aulas levaria cerca de 6 aulas caso ela desenvolvesse a atividade sozinha.

Também foi possível perceber que na elaboração do primeiro painel sobre “o mundo que temos” os alunos apresentaram poucas dificuldades em identificar nas revistas e jornais imagens que retratassem problemas urbanos. Já no segundo painel com título “o mundo que queremos” os alunos demonstraram dificuldades em pensar e encontrar imagens representando o “seu mundo ideal”. Em certa medida isso ocorreu devido ao fato de termos trabalhado e realizado durante as aulas expositivas indicações sobre exemplos de problemas urbanos e como não apresentamos possíveis modelos de cidades, no segundo painel os alunos precisaram debater com o seu grupo e refletir sobre que aspectos a “sua cidade” deveria contemplar. Neste último painel, repetiram-se imagens retratando o mundo moderno, conservação do meio ambiente e a infraestrutura urbana de qualidade, como pavimentação, praças, etc. Ao fim do trabalho, o painel construído pelos alunos ficou em exposição no pátio da escola.



Figura 1- Painel “O mundo que temos” e o “O mundo que queremos”. Foto: L.L. de JESUS, 2013.

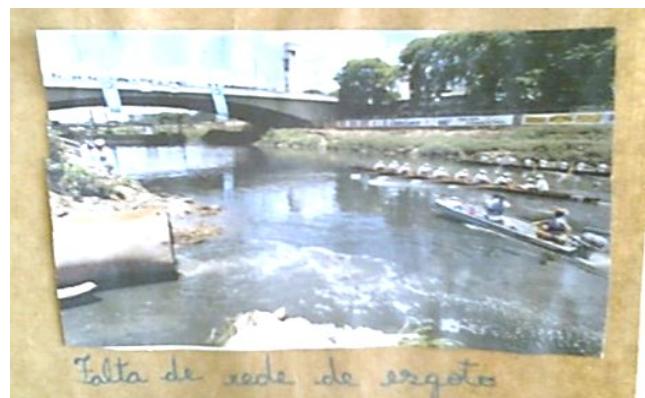


Figura 2 - Imagem representando a falta de rede de tratamento de esgoto. Foto: L.L.de JESUS, 2013.

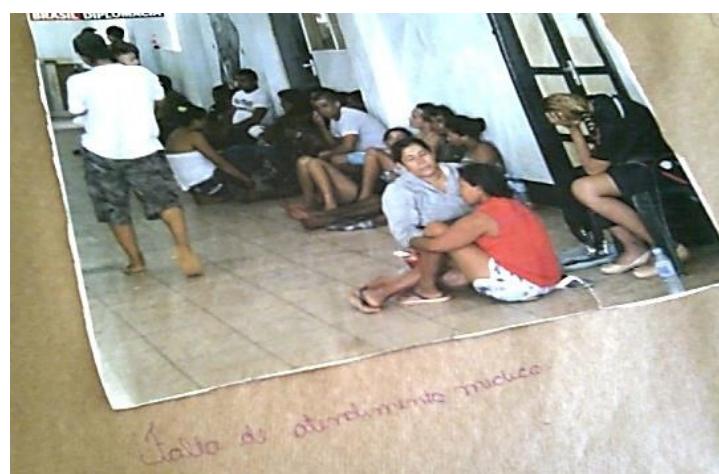


Figura 3 - Imagem representando a carência no atendimento médico. Foto: L.L. de JESUS, 2013.



Figura 4 - Imagem representando o ideal de cidade moderna. Foto:L.L. de JESUS, 2013



Figura 5 – Imagem representando o acesso universal à moradia. Foto: L.L. JESUS, 2013.

A realização deste trabalho em sala de aula nos proporcionou um contato mais próximo com a prática da dinâmica do trabalho em grupo e a efetivação de práticas diferenciadas que quebram a rotina do cotidiano da sala de aula. Estas atividades são muito importantes, pois são capazes de mobilizar os alunos a ter um maior envolvimento nas atividades propostas pelo professor e também estimulam a sociabilidade e a construção de conhecimentos em conjunto. Notamos esses elementos durante a definição de quais imagens seriam escolhidas para compor o painel e da discussão entre os alunos para definir o conteúdo da legenda.

No entanto, segundo diálogo com a professora responsável pela turma e do relato de suas experiências no trabalho com alunos de diversas faixas etárias, é preciso fazer a ressalva de que as atividades com recortes de revistas são práticas que têm melhor receptividade por parte dos alunos que estão nas séries iniciais como 6º e 7º anos. Sendo necessários outros tipos de práticas quando se tratam das séries com faixa etária mais avançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade constituiu-se como um importante recurso pedagógico para o ensino de Geografia, pois ao mesmo tempo em que os alunos efetivaram uma “leitura” sobre o espaço urbano considerando seus principais problemas, eles efetuaram também a construção de um modelo de cidade a partir das suas próprias aspirações, o que contribui em certo sentido para formação da consciência de que a cidade é um espaço construído pelo homem e que nós podemos transformá-lo em um espaço para todos, um espaço de justiça social.

A busca pela “desnaturalização” do processo de construção do espaço urbano pode vir a contribuir para a formação de cidadãos responsáveis e ativos com relação à participação e a tomada de decisões sobre o espaço que os envolve, sendo este um dos objetivos da Geografia enquanto uma disciplina que se volta para a formação de cidadãos críticos e participativos. Em outro sentido, o trabalho nos possibilitou uma reflexão sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas em consonância com os conhecimentos científicos produzidos pela Geografia.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A “Geografia Urbana” como disciplina: uma abordagem possível. **Revista do Departamento de Geografia**, v. especial 30 anos, p. 92-111, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/viewFile/53844/57807>> Acesso em: 13 jun. 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4.a ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DAMIANI, Amélia Luisa. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia na sala de aula**. 8º ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 50-61.
- GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, n. 2, p. 29-42, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/289/236>>. Acesso em: 15 jun. 2013.
- HARVEY, David. A Liberdade da Cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 26, p. 09-17, 2009. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp26/09-18_HARVEY,David.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- VAINER, C. B. A cidade e o desafio democrático. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 105, jul./dez. 2003, p. 25-31.

Recebido para avaliação em 23/09/2015 e aceito para publicação em 18/01/2016.